

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

Disciplina: Monografia II



© Amor na perspectiva dos Enamorados

Sob Orientação de *Christina Lopreato*

Aluna: LÍlian Maria Martins 3981470-6

Dedicatória

Primeiramente agradeço a Deus, e toda força espiritual que recebi durante toda a minha vida. Foram muitos momentos difíceis, muita curva e chão esburacado. Mas eis aqui, sou mais uma sobrevivente do “Planeta dos Macacos”.

Em especial ao carinho dedicado a mim pelos meus pais, e ao sonho dele de estar aqui. Ao papai, pelas lembranças ainda infantis e ao cuidado e amor incondicional. À mamãe, com os meus sonhos de adolescente, pela garra e por todos os cuidados dedicados, com um amor sem fronteiras “Entre o Céu e a Terra”. Aos dois por serem os melhores pais do mundo, ficando aqui minha saudade infinita.

São muitas pessoas que em uma hora ou outra, trilharam o caminho lado a lado. Mas nenhum tão “Chato e Amado” como o meu maninho. Por vezes, muito rigoroso (Paizão), Por outras fraternas ([mãezona](#)), e na maioria pentelhando como há de ser todo irmão. Muito obrigada maninho, pela presença em todos os momentos, e por ter me dado sobrinhos lindos.

Aos meus tios muito amados, Padrinho Iolando e Didinha Bete, por me acolherem, meus agradecimentos por ter encontrado dois anjos.

Ao Wander, meu padrasto. Por ser a determinação em pessoa, e ao carinho dedicado a mim e ao meu irmão.

A tia Elenir e Andressa, minhas queridíssimas, por momentos maravilhosos. Para meus primos amados Eliane e Clesio, pessoas que me acolheram e me amaram.

À minha amada Claudinha, pela amizade, pelo apoio, pela compreensão e por dias maravilhosos. Às minhas queridas amigas Andressa, Neliane e Claudete, pelo companheirismo e amizade.

Ao Curso de História, por ter me tornado uma pessoa mais conectada ao mundo. Ao João Batista, pela compreensão e paciência durante todos esses anos. À minha orientadora, por me agüentar ouvindo minhas queixas e aturando meus atrasos, muito obrigada. À professora Dulcina, pelo tempo dedicado e pela compreensão, muito obrigada.

Ao amor da minha vida, meu Habibi. Rafik, que me mostrou que podemos ter tudo sim, e por que não. Pelo seu amor e carinho, por me fazer a mulher feliz, completa e plena que sou hoje.

A Deus novamente e sempre, por me dar essa vida que cresce dentro de mim, dando o pleno sentido a vida.

Apresentação

Freqüentemente, o mundo exterior parece responder à nossa viagem interior: a vida exterior e a História confirmam o que os sonhos e os símbolos míticos nos ensinaram. Da poção do amor nós aprendemos algumas coisas impressionantes sobre este fenômeno psicológico e cultural que chamamos de amor romântico. Constatamos, também, que o amor romântico em suas origens como "amor cortês" foi concebido como sendo uma disciplina "espiritual", o que vem confirmar o simbolismo encerrado na poção do amor. Através desta retrospectiva, vamos aprofundar-nos um pouco mais; vamos ficar sabendo que o culto do "amor cortês" teve suas raízes numa religião.

Durante muitos séculos, após o advento da era cristã, a Europa foi um verdadeiro mercado de religiões. À medida que o cristianismo era imposto a vários povos por reis e imperadores, estes povos continuavam adorando, aberta ou secretamente, seus velhos deuses e deusas e misturavam suas práticas religiosas "pagãs" com uma capa de cristianismo, em combinações que pareceriam muito estranhas nos dias de hoje. Muitos dos feriados seculares, tais como o Primeiro de Maio e o *Halloween*, eram originalmente celebrações religiosas; são remanescentes seculares de antigas religiões que foram suprimidas pelo cristianismo. O mesmo também é válido para

ideais e convicções. Muitas das posturas e das crenças das antigas religiões foram consideradas heresias e externamente reprimidas, mas continuam vivendo, inconscientemente, dentro de nós e de nossa cultura por um motivo: correspondem a necessidades e realidades psicológicas humanas, que não são satisfeitas nem pela ortodoxia nem pelos conceitos "oficiais".

Eis uma forma válida para se examinar o amor romântico como uma força psicológica: é o veículo que nos traz de volta o que havia sido banido de nossa vida e de nossa cultura há muito tempo. A natureza humana é pródiga em recursos; inconscientemente ou não, sempre arranjamos uma maneira de nos agarrarmos àquilo que necessitamos.

Uma das mais poderosas entre as primeiras religiões foi o movimento maniqueísta, cujo nome deriva do profeta persa Manes. Na Europa, esta religião se tornou o "Catarismo", pois seus seguidores se auto-denominavam "cátaros", o que significa "puros". No século XII, cidades e províncias inteiras no sul da França, apesar de serem nominalmente cristãs, praticavam o catarismo, e uma boa parte da nobreza européia era formada por cátaros. Na França, o movimento foi conhecido como heresia albigense, por ter se centralizado na cidade francesa de Albi.

Uma de suas crenças básicas era de que o "amor verdadeiro" não era o amor humano comum entre marido e mulher, mas sim a adoração de uma mulher redentora, uma mediadora entre Deus e o homem, que recebia com um beijo sagrado todo "puro" que chegava ao céu, e em seguida conduzia a ele, ou a ela, até o Reino da Luz. Em

contraste com este amor "puro", a sexualidade humana comum e o casamento eram coisas bestiais e não-espirituais. Os cátaros acreditavam que o amor do homem pela mulher deveria ser uma alegoria terrena do seu amor espiritual pela Rainha do Céu.

Muitos cristãos viam o catarismo como sendo um movimento reformista, uma reação contra a corrupção e os interesses políticos existentes dentro da hierarquia religiosa. A igreja patriarcal da Idade Média, há muito tempo sem contato com a alma feminina, se havia tornado materialista e dogmática. O que ela tinha a oferecer era uma série de leis e ensinamentos "revelados" - todos muito racionais e masculinos - e uma prática coletiva de ritual e dogma, que não dava às pessoas comuns a oportunidade de uma experiência pessoal com um deus vivo. Os cátaros, pelo contrário, praticavam uma moralidade exemplar e ofereciam uma experiência de Deus que era ao mesmo tempo pessoal, individual e lírica. Eles devolveram o feminino à religião: eles trouxeram de volta Isolda, a Bela.

Os cátaros acreditavam num mundo feito de bem e mal absolutos. O espírito é bom, mas o mundo físico, esse é ruim. As almas são na verdade anjos, fragmentos de Deus, que se extraviaram do céu e foram aprisionados nessa matéria terrestre. Esse anjo heróico, que existe dentro de cada um de nós, almeja por uma existência espiritual pura no céu, mas Afrodite, a deusa da sensualidade, nos mantém aferrados à densa matéria física. Para encontrarem a salvação, os cátaros procuravam ser "puros", resistir às tentações que Afrodite colocava em seus caminhos, renunciar à sexualidade, comer frugalmente e evitar os apetites sensuais que nos fazem cair nas

ciladas desse mundo de aflições e de maldades. Assim sendo, os cátaros evitavam a sexualidade e o casamento.

O alvo de sua veneração era a figura feminina da Redentora, um ser de pura luz, vestida toda de branco, que nos aguardava no céu para nos conduzir à presença de Deus. A salvação para os cátaros vinha apenas pela morte física: era preciso deixar este corpo e partir ao encontro da Senhora nos céus. Mas a preparação do homem cátaro para a libertação da carne era ver a mulher, não como esposa, não como companheira mortal ou parceira sexual, mas como uma imagem da Redentora - adorá-la com paixão, mas sempre como um símbolo, sempre como um lembrete de um "outro mundo", cheio de pureza e de luz.

A Igreja na Idade Média declarou o catarismo uma heresia e São Bernardo de Clairvaux, por meio de implacáveis cruzadas, condenou-o à segregação. Mas, como toda poderosa idéia que é forçada a permanecer *underground*, o catarismo reapareceu sob outra forma - uma forma supostamente "profana". Os ensinamentos e os ideais dos cátaros subitamente reapareceram no séc. XII no culto do "amor cortês", nas canções e poemas dos trovadores e nos "romances". Alguns historiadores acreditavam que o "amor cortês" foi uma continuação "profana" deliberada do catarismo, e que os cavaleiros e as damas que primeiro praticaram o "amor cortês" eram cátaros, dado prosseguimento às suas práticas religiosas sob o disfarce de um culto leigo do amor. Para os de fora, parecia ser uma nova e elegante maneira de fazer a corte, de lisonjear e conquistar belas donzelas, mas para os que conheciam o "código", era uma prática alegórica dos ideais cátaros.

O ideal do "amor cortês" espalhou-se rapidamente pelas cortes feudais da Europa medieval e iniciou uma revolução em nosso comportamento frente a valores femininos como amor, afinidade, sentimentos elevados, devoção, experiência espiritual e ânsia de beleza. Essa revolução amadureceu e veio a gerar o que chamamos de romantismo. O romantismo, por sua vez, também revolucionou nosso comportamento frente às mulheres, mas deixou uma estranha divisão em nossos sentimentos. Por um lado, os ocidentais passaram a ver a mulher como a encarnação de tudo o que era puro, sagrado e completo; a mulher tornou-se o símbolo da *anima*: "Minha Senhora Alma". Mas, por outro lado, ainda presos à mentalidade patriarcal, os homens continuaram vendo a mulher como o veículo do sentimentalismo, da irracionalidade, da apatia e da fraqueza - características que são antes sintomas do lado feminino do homem, que propriamente características das mulheres.

Ainda não ocorreu ao homem ocidental a possibilidade de deixar de encarar a mulher como símbolo de alguma coisa e começar a vê-la simplesmente como uma mulher - como um ser humano. Ele está enredado na ambivalência que experimenta em relação ao seu próprio interior feminino, às vezes correndo em direção a ele em busca de sua alma perdida, às vezes desdenhando-o como sendo uma desnecessária complicação em sua vida, uma "peça solta na engrenagem" de seu maquinário patriarcal. Esta é a fratura não cicatrizada dentro do homem e que ele projeta sobre a mulher, é a guerra que ele trava às custas dela.

Algumas coisas mudaram desde os tempos do "amor cortês". No início, quando ainda era um ideal espiritual, o "amor cortês" não permitia a sexualidade ou o

casamento entre os enamorados. Eles sentiam que a vibração transcendental contida na adoração não podia misturar-se com um relacionamento pessoal, com o casamento ou o contato físico. Nós, pelo contrário, *sempre* misturamos romance com sexo e casamento. O principal conceito que não se modificou no decorrer dos séculos é a crença inconsciente de que o "amor verdadeiro" deve ser uma adoração religiosa mútua tão irresistível, que nos faça sentir que todo o céu e a terra nos são desvelados através deste amor. Mas, ao contrário dos nossos antepassados "corteses", tentamos trazer esta adoração para a nossa vida pessoal misturando-a com o sexo, o casamento, o preparo do café da manhã, as contas a pagar e os filhos para criar

A crença cortês de que o verdadeiro amor somente pode existir fora do casamento ainda permanece entre nós, e nos afeta, inconscientemente, mais do que imaginamos. O homem espera que a mulher cuide das crianças, ponha comida na mesa, contribua para a renda familiar e o apóie nas lutas do dia-a-dia, mas uma outra parte dele quer que ela seja a encarnação da *anima*, a sagrada Senhora dos céus, sempre bela e perfeita. Ele se pergunta como é possível que a deusa pura e radiante que ele adorava se tenha transformado nessa esposa comum que parece ser extremamente desarrazoada. A mulher vê o marido trabalhando, pagando as contas, consertando o carro e defendendo os seus impérios, vivendo o lado comum da vida. Ela se pergunta o que aconteceu com o cavalheiro que a adorava nos tempos de namoro, aqueles tempos em que tudo era tão marcante, tão sublime, tão delicioso. A antiga crença inconsciente retorna para persegui-los, sussurrando que o "verdadeiro

amor" está em algum outro lugar e que ele não pode ser encontrado em meio aos atos corriqueiros do casamento.

Estas são as fraturas terríveis que todos carregamos dentro de nós. Por um lado, queremos estabilidade e um relacionamento afetivo com um ser humano comum; por outro, inconscientemente, exigimos alguém que seja a encarnação da alma, que desvele a divindade e o Reino da Luz, que nos transporte a um estado de adoração religiosa e que torne a nossa vida um permanente êxtase. E eis que encontramos, disfarçado, mas vivo dentro de nós, o ideal religioso, a fantasia dos cátaros.

Cada um destes ideais é uma verdade psicológica: cada um é uma fantasia agindo através de nós, para nos dizer quem somos, do que somos feitos e do que precisamos.

A religião dos cátaros e o seu fruto, o "amor cortês", são responsáveis pela mais grandiosa fantasia que vive na mente do homem ocidental, a fantasia que o amor romântico representa atualmente para nós. Mas esta impressionante fantasia não é uma ilusão: toda fantasia é realidade, realidade expressa em símbolo e fluindo de uma fonte inefável. O catarismo é a fantasia de se encontrar a alma perdida. É a milagrosa fantasia de descobrir que o mundo interior é real, que a alma é real, que os deuses são reais, e que realmente podemos encontrar esse mundo, essa beleza, essa comunhão com os deuses.

Muitos homens concordariam que o amor romântico é uma "fantasia", mas não saberiam avaliar que coisa maravilhosa eles afirmaram - pois da mesma forma que é uma fantasia, também é uma verdade, uma verdade que podemos viver, desde que

consigamos compreendê-la corretamente. A verdade por trás da fantasia precisa ser merecida. Para encontrar essa realidade, precisamos olhar através da fantasia e dos seus símbolos; precisamos desistir de tentar viver o catarismo e as fantasias do "amor cortês", ao pé da letra - fora de nós, com pessoas mortais, num mundo temporal - e passar a viver a verdade dessa fantasia como um evento interior, um fato interior, vivenciado no reino atemporal Dela, a quem agora damos existência.

Capítulo I

Contextualização do Tema

Quantas emoções o amor é capaz de desencadear! Para Bronislaw Malinowski, famoso antropólogo que estudou várias culturas, o amor é uma paixão em qualquer lugar do mundo, e atormenta a mente e o corpo, conduzindo muitos a um impasse, um escândalo ou uma tragédia. Raramente ilumina a vida fazendo com que o coração se expanda e transborde de alegria. Você concorda? É só dar uma olhada nas letras das músicas de amor e ver quanto sofrimento elas contêm. Mas é assim mesmo que as pessoas gostam. Identificam-se com a dor de quem canta e se sentem menos sozinhas. Mas dor de amor sempre existiu. No ano 1000 a.C., no antigo Egito, o amor já era retratado como um esmagamento do eu, e, portanto, semelhante a uma espécie de doença.

Entretanto, paixão, amor romântico e amor são sentimentos distintos, embora confundidos com frequência. A paixão é sem dúvida a que causa mais tormentas. Sua característica principal é a urgência; é tão invasiva e poderosa que pode fazer com que sejam ignoradas todas as obrigações habituais. Perturba as relações cotidianas, arrancando a pessoa das atividades a que está acostumada, deixando-a completamente fora do ar. É comum se fazerem escolhas radicais e muitas vezes penosas — falta-se ao trabalho, larga-se o emprego, muda-se de cidade, abandona-se a família. O ardor sexual é um componente importante da paixão e por isso mesmo

ela nunca foi aceita como base para o casamento. Ninguém ousava criar ligações duradouras a partir de um amor apaixonado.

A paixão é de certa forma um fenômeno universal, mas o amor romântico é específico do Ocidente. Aproveitou alguns elementos da paixão, se diferenciando dela em importantes aspectos. Ao contrário da paixão, em que ninguém consegue raciocinar, o amor romântico prevê uma vida a dois estável e duradoura. Geralmente ele está associado ao amor à primeira vista, ao casamento e à maternidade e também à crença de que o verdadeiro amor é para sempre. Desde o início se *intuem* as qualidades da pessoa, e a atração que se sente ocorre na mesma medida em que se supõe que ela vai tornar completa a vida do outro. Por isso, a atração sexual que se sente no amor romântico é mais tranqüila, bem diferente do tesão enlouquecido que se vive na paixão.

Os homens nunca tiveram problemas para resolver a questão entre o amor romântico, carinhoso e terno do casamento e a paixão sexual pela amante. E a vida seguia em frente com o confinamento da sexualidade feminina ao casamento, e a mulher orgulhosa por ser considerada *respeitável*.

Na base do amor romântico, observa-se a influência de um conjunto de práticas que povoam as mentalidades amorosas desde o século XII, quando surgiu o amor cortês. Entre elas estão: a não aproximação dos corpos, comunhão de almas propostas pelo cristianismo, a idealização do bem amado, abdicação ao amor a si próprio, completa fidelidade. Nesse tipo de amor espera-se que o outro preencha um vazio só percebido depois que a relação se inicia.

Falta falar do amor sem projeções e idealizações, que existe por si mesmo, só para amar e ser amado. O que se sente nesse amor? Prazer de estar com alguém, vontade de dividir nossas questões existenciais, participar da vida do outro e permitir que ele participe da nossa, ser solidário, torcer pela pessoa, sentir saudades. E claro que é possível amar muito uma pessoa e sentir tesão por ela. Ou não sentir tesão nenhum. Isso não faz a menor diferença no amor.

O amor romântico não é construído na relação com a pessoa real, mas sobre a imagem que se faz dela, trazendo a ilusão de amor verdadeiro. Deseja-se tanto vivê-lo que, quando alguém o critica, provoca grande desapontamento. Não é para menos. Nada pode unir tanto duas pessoas como a fusão romântica. A questão é que, por mais encantamento e exaltação que cause num primeiro momento, ela se torna opressiva por se opor à nossa individualidade.

Vivemos um período de grandes transformações no mundo e, no que diz respeito ao amor, o dilema atual se situa entre o desejo de simbiose com o parceiro e o desejo de liberdade. É inegável que a fusão que o amor romântico propõe é extremamente sedutora. Que remédio melhor poderia haver para o nosso desamparo do que a sensação de nos completarmos na relação com outra pessoa?

Paradoxalmente inventado na Idade Média e recusado em nosso século e no séc. passado (pelo menos passado a inspiração que ainda restava do séc. XIX) o amor foi relegado a um segundo plano, enquanto a política vinha à tona nas discussões sociais. O amor chegou a ser considerado uma ideologia e um mal. Pior que isso, somente a proposta dos mais radicais: simplesmente eliminá-lo! Pelo menos essa era

a idéia dos comunistas de Cambridge na década de 30. Eric Hobsbawn - não por acaso um dos historiadores mais influentes e lidos nos cursos de História em nosso país - conta-nos em sua *autobiografia* que cantava com seus camaradas universitários uma melodia de Cole Porter com uma letra adulterada e bastante sugestiva para o tema que nos propomos narrar aqui:

*Vamos liquidar o amor / Vamos dizer daqui em diante que toda a
nossa afeição / É somente para os trabalhadores / Vamos liquidar o
amor / Até a revolução / Até esse momento o amor será / Uma coisa
não bolchevique.*

Sintomático o fato de os trabalhadores receberem *afeição* dos bolcheviques, não amor. Claro, o *verdadeiro revolucionário* deveria ser duro. Hobsbawn reconhece a contradição: “Nós, que queríamos preparar o terreno para a bondade, não podíamos ser bondosos”. O amor - que une - não combinava com a Revolução - que separa. A partir de então, pelo menos entre os intelectuais de esquerda dos círculos acadêmicos ingleses, as linhas traçadas pelo Partido Comunista determinariam as vidas privadas de seus membros. O público interferia no privado, já que sentimentalismos individuais faziam parte do “mundo burguês”: “Se o Partido mandasse abandonar o amante ou o cônjuge, obedecia-se (...) Era impensável qualquer relacionamento sério com quem não fosse membro do Partido ou estivesse pronto para ingressar (ou reingressar)”. Esse comportamento mecânico de mais de setenta anos parece-nos, no mínimo,

ridículo, doentio, mas o impressionante é que, até hoje, ele norteia boa parte da inteligência universitária de esquerda em nosso país. Como acreditamos que, em tese, tudo o que o homem fez (e pensou) é *motivo histórico*, o amor, sem dúvida, é um tema propício para a História, pois se refere ao que é exclusivamente humano. Além disso, através dele, é possível fazer um estudo comparativo e temático de tempos distintos, pois ao contrário dos nossos famigerados tempos *pós-modernos* que propagaram a Revolução em detrimento do amor, a Idade Média cultivou e enalteceu esse sentimento, criando uma nova e *revolucionária* forma de relacionamento homem/mulher que continuou durante séculos. E em boa parte, até os dias de hoje, apesar dos brutos - ou até pelos brutos, pois, como sabemos, *os brutos também amam*.

Capítulo II

O Amor na perspectiva dos Enamorados

Muito se amou e muito se ama, ontem e hoje, provavelmente sempre, muito se falou e se falará de amor. É difícil definirmos começo, meio e fim, e difícil encontrarmos uma explicação para algo tão complexo. Mas com certeza é bom sabermos um pouco mais sobre aquilo que todos nós buscamos, o amor eterno e indissolúvel.

Estamos focados no amor romântico, no enamoramento, no amor que acontece entre duas pessoas que se apaixonam, no amor que acontece no estado nascente, segundo Alberone, onde a outra pessoa, aquela que encontramos e que nos correspondeu, se nos impõe como objeto pleno de desejo¹. O que acontece com nossa vida é que quotidianamente ela exige muito de nós, e que nunca realizamos nossos desejos, tudo é um desencanto. Mas quando nos enamoramos queremos fazer qualquer coisa diferente, não para a pessoa, mas para nós mesmos. O amor introduz uma luz na escuridão, libera nosso desejo, nos transporta a uma esfera de vida superior onde se consegue tudo ou se perde tudo, nesse amor só existe o paraíso ou o inferno.

Quem vive quotidianamente não alcança a intensidade da vontade que produz a felicidade, e para chegar lá é preciso transgredir valores sociais latentes.

O fascínio do amor paixão produziu uma longa trilha de influencias na literatura amorosa e serviu para fazer do tema um clichê de larga incidência no romance

¹ ALBERONE, Francisco. *Enamoramento e Amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p.18n

romântico, na novela e em filmes (onde se desfaz, no entanto, a trama de implicações sociais, existenciais e religiosas que o originaram).

A narração se faz da perspectiva dos apaixonados, da lei do amor contra a do casamento. Antes de qualquer coisa, contra o casamento tido como jogo entre homens, movido por interesses financeiros e políticos. Para adentrarmos na vida dos amantes e identificarmos algumas características tomamos como objetos de estudo o filme *O Amantes*, que mostra a quebra de protocolo, e das normas da sociedade. Tentaremos mostrar que o que liga esses enamorados é algo indissolúvel, uma força estranha, um tormento delicioso que opera no estranhamento e na fusão dos contrários transtornados, entusiasmados, endeusados pela paixão, drogados de amor em si.

Durante muito tempo, de uma maneira que remonta as mais antigas relações entre a idéia de amor e a de casamento, o princípio da paixão se opõe ao do matrimônio.

Com o filme que trabalhamos temos a intenção de desmistificar a mulher como sendo o sexo frágil, pois a figura feminina se mostra frente de seu tempo “ *Fico imaginando como encontrei a força para enfrentar o proibido... com esta calma, esta determinação. Como consegui ir até o fim com essa idéia. Como pude obter tanto prazer para mim mesma... com este homem desconhecido²*”. O relacionamento amoroso é tratado de forma delicada e sutil, mostrando o poder sedutor das mulheres, é a figura feminina que tem as rédeas da relação. E apesar de ser detentora dessas rédeas, não deixam de viver a relação de forma intensa e ao mesmo tempo

com delicadeza, mostrando uma mulher sexualizada, ao contrário do que se propunha para uma mulher de “família”: “ *Pedi-lhe que fizesse inúmeras vezes. Que fizesse comigo. Ele fez. Ele fez na suntuosidade do sangue. Pensei: “ ele está acostumado a isso... é o que ele faz na vida: amar e nada mais... Ele me cobre, mergulha em si mesmo novamente. Ficamos assim, agarrados, gemendo... em meio ao barulho da cidade”*. Tanto para Ele, como para Ela, esse amor é os mais plenos e inesquecíveis de suas vidas.

No filme *O Amante*, que se passa nos anos 20 (séc. XX) em Indochina, temos uma garota de 15 anos que ao voltar das férias escolares, aceita carona de um chinês, ele de família rica, ela francesa de família pobre, ele com o dobro de sua idade. Eles se tornam amantes, entregando-se ao sexo sem limites em encontros furtivos pela tarde. A garota é de personalidade forte e tenta não se envolver com esse homem de forma que a magoe, mostrando para ele que não se importa com ele e aceitando o fim do relacionamento quando ele se casar. Tudo vai ficando mais forte, um relacionamento que mistura amor e desejo, e que apesar de parecer interminável, chega ao fim, pois o rapaz está prometido com uma mulher chinesa e de família rica, onde terá de cumprir com os compromissos de sua cultura. A garota volta para França com sua família, e se torna escritora, esse filme é baseado na obra de Marguerite Duras “ Os Amantes”.

Ele tirou o vestido. Ele tirou a sua calcinha de algodão .Ele a carregou assim... nua para a cama.

² Filme “Os Amantes”

Uma vez na cama.... ele foi tomado pelo medo. Ele diz que ela é jovem demais... que ele não pode fazer isso. Então... ela que o faz.

Com os olhos fechados, ela o despe, botão por botão, manga por manga. A pele. A pele. A pele é de uma maciez suntuosa. O corpo não tem pêlos, sem nenhuma virilidade... além do sexo.

Ela não o olha no rosto. Ela o toca. Ela toca a maciez do seu sexo, da pele. Ela acaricia a luz dourada... o desconhecido.

Em meio ao barulho da cidade chinesa, se entregam ao êxtase. Ela narrando o filme lembra...

Ainda vejo o local da desonra, as paredes pintadas... as venezianas voltadas para o fogão, o aviltamento do sangue. Lembro-me bem, o quarto era escuro cercado pelo alarido incessante da cidade. Levado para longe pela cidade, pelo fluxo da cidade. Meu corpo misturava-se ao alarido...`aquele fluir do lado de fora, exposto. O mar... eu pensei, a imensidão.

Quase sempre os enredos dos filmes mostravam pessoas capazes de aceitar seus mais “estranhos” desejos sem grandes sofrimentos morais. Mas que, como consequência, vivem em mundos que os cineastas se esforçam para provar que são pequenos e vazios. E por que são assim? Porque os personagens não conseguem incluir nesses mundos um parceiro amoroso fixo e monogâmico.

A paixão torna-se umas coisas obsessivas, que fazem as pessoas ficarem extremamente focadas, em seu objeto de interesse, e uma coisa um tanto

regressiva que faz com que a pessoa tenha sonhos nostálgicos, que faça com que a pessoa volte para uma espécie de paraíso perdido e um estado ao mesmo tempo ansioso, que tem perturbações no sono, no apetite, da atenção e da concentração. Ao mesmo tempo é um estado espetacular, as pessoas o vivem como um estado encantador, como algo especial e único. É muito curioso essa idéia de único, isso porque a paixão é um fenômeno idêntico em todas as pessoas. Então, milhões de pessoas vivem esse estado especial e único, que na realidade não tem nada de único, é claramente um clichê. É sempre um encontro que parece mágico (também não é), entre duas pessoas que tem entre si um encantamento amoroso de grande intensidade, e esse encantamento amoroso é acompanhado de um estado de medo, e de intensidade igual. Então, as pessoas são atraídas umas às outras, e se assustam com essa atração, o que determina uma identificação de posicionamento que caracteriza mais um filme de terror, do que efetivamente uma história de amor. No caso estamos falando de uma paixão amorosa/ sensual e essa paixão tem esse lado de atrofia, limitação de outros sentimentos, das outras partes do mundo, e do interesse que o mundo deve despertar. Mas por outro lado, não dá para ver a vida sem paixão, e muito menos uma relação amorosa sem paixão. O que é preciso apesar de ser extremamente difícil, é manter esses sentimentos controlados, para que se possa usufruir desse estado maravilhoso, sem que ele nos destrua, nos devore.

Lembra-se de Abelardo e Heloísa? De Tristão e Isolda? De Romeu e Julieta? São alguns dos mitos mais poderosos que obsedaram as nossas mentes durante os dois últimos séculos. Auxiliaram a criar em nós o desejo daquele tipo de relação intensa, única e entorpecente de paixão, do “amor romântico”. Tivemos séculos para provar que este amor pode ser bom sim, mas que é geralmente menos glamuroso do que parece e também demasiadamente humano. Assim, tivemos a chamada revolução sexual, o verão do amor etc. A contracultura questionava o romantismo e demonstrava suas vinculações políticas e ideológicas. Condenava o moralismo por meio da arte, da filosofia e até mesmo da ciência. A necessidade do amor romântico já não deveria ser tão opressora. Haveria outras maneiras de amar. Sem possessividade, sem exclusividade, sem a dor da dependência afetiva

A paixão tem todas as características do sentimento amoroso, ela é apenas o encantamento, e a ânsia dessa fusão entre duas pessoas, porque o amor romântico tem essas características, como se as pessoas se sentissem mesmo *Metades*, metades que se encontram com a outra metade, e esta fusão aparece como algo muito atraente. Historicamente as paixões, e as primeiras descrições da paixão aparecem sempre em situações de proibição externa, de impedimentos. As pessoas são casadas, têm filhos e acham que não podem abandonar os filhos para realizar o amor, de maneira que também historicamente, a grande maioria das histórias de *grandes amores*, terminaram com a separação dos que se amam.

“ Anos após a guerra, os casamentos, os filhos... os divórcios, os livros... ele voltou para Paris com a esposa.

Ele lhe telefonou. Estava intimidado, sua voz tremia.

E, com o tremor, adquiriu o sotaque da China novamente.

Sabia que ela começava a escrever... e que o irmão caçula morreria.

Ele ficou triste por ela.

Então, não sabia mais o que dizer.

Então, ele lhe disse. Ele lhe disse que era como antes.

Que ele ainda a amava, que nunca deixaria de amá-la.

Que iria amá-la até morrer.”

O que é importante de ser dito e realizado em uma relação é o ato de depender, e esse ato é diferenciado nas vivências de homens e mulheres. *As mulheres, aprendem a se virar sozinhas mais novas que os homens, e aprendem também que futuramente caberá a elas cuidar de seu esposo e filhos, principalmente no caráter emocional*³ Quanto aos homens eles sempre terão alguém para cuidar de seu bem estar e de suas necessidades emocionais, ou seja, nesse aspecto são melhores supridos que as mulheres. Mas em outros não, a exemplo que são incentivados desde cedo a serem competitivos, a garantir o sustento de esposa e filhos e . Diante desse aspecto o homem procura em uma amante a intimidade de

³ EICHENBAUM, Luise & ORBACH, Susie. *Afinal o que querem as mulheres?* Ed.Record.

seus medos, procura a compreensão de suas fraquezas, e a mulher o que procura?

Apenas o estranhamento, o arrebatamento? A compreensão, o amigo? O sexo, sem restrições?

No livro *Os sentidos da Paixão*, há uma passagem de um poema de Lou Andrés-Salome, que retrata a alma feminina, *Pois, no seio mesmo da paixão, nunca se deve tratar de conhecer perfeitamente o outro, por mais que progridam neste conhecimento, a paixão restabelece constantemente entre os dois este contato fecundo que não pode se comparar a nenhuma relação de simpatia e os coloca de novo em sua relação original: a violência do espanto que cada um deles produz sobre o outro e que coloca limites a toda tentativa de apreender objetivamente este parceiro...E terrível de dizer, mas, no fundo, o amante não está querendo saber quem é em realidade seu parceiro. Estouvado em seu egoísmo, ele se contenta de saber que o outro lhe faz um bem incompreensível... os amantes permanecem um para o outro, em ultima análise, um mistério*⁴. Ela analisa a necessidade de renovação e da existência do mistério na relação amorosa.

Essa maneira de amar é um ato de libertação, e a liberdade vivida não apenas como uma não- dependência de vínculos, mas também como o direito de não depender das conseqüências de decisões tomadas no passado, decisões pessoais ou de outros.

⁴ FERREIRA, Luzila G. *Lou Andréas-Salome>a paixão viva*. In. Novais, Adauto..Os Sentidos da Paixão.

Conclusão

No entanto, quando alguém alcança um estágio de desenvolvimento pessoal em que descobre o prazer de estar sozinho, percebendo as próprias singularidades, se dá conta de uma profunda mudança interna. Preservar a própria individualidade passa a ser fundamental, e a idéia básica de fusão do amor romântico, em que os dois se tornam um só, deixa de ser atraente. Muita gente com quem converso se mostra pessimista quanto à possibilidade das pessoas alcançarem essa independência. Afirmam que o desejo de fusão com o outro está tão arraigado aos nossos ideais que ninguém vai querer sofrer a perda desse sonho. Não tenho tanta certeza assim.

Roberto Freire, por exemplo, declarou que lhe custou muita dor, solidão e desespero aprender que sentir amor era uma potencialidade vital sua, produção criativa própria, e que para amar dependia apenas dele mesmo. A expressão e comunicação do seu amor eram produtos da liberdade pessoal e social conquistada. "Em minha inocência e ignorância, eu atribuía a algumas pessoas o poder de liberar, produzir, fazer exercer-se e se comunicar o amor em mim e de mim. Esse amor pertencia, pois, exclusivamente a essas pessoas, ficando eu delas dependente para sempre. Se, por alguma razão, me deixassem ou não quisessem produzi-lo em mim, eu secava de

amor e — o que é pior — ficava em seu lugar, na pessoa e no corpo, uma sangrenta ferida, como a de uma amputação, que não cicatrizaria jamais."⁵

Por enquanto, não há dúvida de que desejar viver relações de amor fora do modelo romântico pode ser frustrante. As pessoas são viciadas nesse tipo de amor e fica difícil encontrar parceiros que já tenham se libertado dele. Mas acredito ser apenas uma questão de tempo. As mudanças são lentas e graduais, mas definitivas, nesse caso. Para quem imagina que vai perder alguma coisa ao desistir do amor romântico, Bonnie Kreps, cineasta canadense, que escreveu um livro (*Paixões eternas, ilusões* sobre o assunto, é animadora.

Ela diz que deixar o hábito de "apaixonar-se loucamente" para a novidade de entrar num tipo de amor sem projeções e idealizações também tem sua própria excitação.

É difícil se aceitar que o amor é um afeto único. Mas amor é um só. É prazer na companhia, querer bem, participar da vida do outro, sentir saudade. Nós é que insistimos em dividir em compartimentos, classificando os tipos de amor: por filho, por namorado, por mãe, por amigo, por amante, como se fossem diferentes na essência. De singular e que podem distingui-los uns dos outros são só algumas características. No amor pelo amigo pode não haver desejo sexual, no amor pelo filho costuma predominar um desejo de proteção, e assim por diante. Portanto, podemos amar mais de um, no sentido mesmo do amor que encontramos no namoro

⁵ Freire, Roberto: *Ame e dê vexame*. Ed. Sol e Chuva. São Paulo, 1987.

ou casamento. Somos todos diferentes, cada um possuindo aspectos que agradam e que se buscam num relacionamento.

Pode até ser que na fase da paixão, quando se está encantado pelo outro, não caiba mais ninguém. Mas essa fase dura pouco. Com uma convivência mais prolongada, a paixão acaba e fica o amor, se houver. De qualquer modo, não parece muita mesquinha afetiva ter apenas um amor? Contudo, para começar a pensar diferente da maioria é necessário alguma dose de coragem e vontade de viver intensamente.

Bibliografia

ALBERONE, Francisco. *Enamoramento e Amor*; tradução de Ary Gonzalez Galvao. _ Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. *A Outra, Estudos Antropológicos sobre a identidade da amante do homem Casado*. 7ª ed. _ Rio de Janeiro: Record, 1997.

HOBSBAWN, Eric. *Tempos Interessantes. Uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

EICHENBAUM, L e ORBACH S. *Afinal o que querem as mulheres?*, tradução de Sílvia Rocha. _ Ed. Record.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Ed. Universidade estadual Paulista, 1993.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. _ Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FERREIRA, Luzila G. Lou Andréas- Salomé: a paixão viva. In: *Os Sentidos da Paixão*.

FREIRE, Roberto: *Ame e dê vexame*. Editora: Sol e Chuva. São Paulo, 1987.